

**O SENTIR-SE LIVRE CAUSADO PELO PERDÃO:
UMA ANÁLISE EM MICROCONTO DE DALTON TREVISAN**

Jocirley de Oliveira (UFT)

oliveiraaraguaina2013@gmail.com

Eliane Cristina Testa (UFT)

poetisalia@gmail.com

RESUMO

O microconto 57 – “Dois irmãos e a velhinha”, de Dalton Trevisan, é uma narrativa que versa sobre a vida conturbada baseada no ódio entre dois irmãos. No entanto, esse conflito interpessoal dos personagens, não-heroica, ganha tons de análise e poeticidade graças ao incessante, metucioso e extraordinário trabalho de Trevisan com a linguagem. Numa análise dos recursos linguísticos de composição utilizados nesse microconto, este artigo objetivou discorrer de maneira minuciosa sobre o sentir-se livre causado pelo perdão. Para a concretização do estudo, desenvolveu-se a pesquisa bibliográfica com base na literatura contemporânea. Para a análise, os quais permitiram identificar e explorar como esse sentimento é conciliador nas relações interpessoais, ocorreu um forte aprofundamento na essência da narrativa trevisaniana.

Palavras-chave:

Irmãos. Microconto. Perdão. Dalton Trevisan.

ABSTRACT

Microcount 57 – “Two brothers and the old lady”, by Dalton Trevisan, is a narrative about the troubled life based on hatred between two brothers. However, this non-heroic interpersonal conflict of characters takes on tones of analysis and poeticity thanks to Trevisan's incessant, meticulous and extraordinary work with language. In an analysis of the linguistic composition resources used in this microcount, this article aims to discuss in detail the feeling of freedom caused by forgiveness. For the realization of the study, the bibliographic research was developed based on the contemporary literature. For the analysis, which allowed us to identify and explore how this feeling is conciliatory in interpersonal relationships, there was a deepening of the essence of Trevisan narrative.

Keywords:

Brothers. Forgiveness. Microcount. Dalton Trevisan.

1. Considerações iniciais

A Literatura brasileira contemporânea engloba as produções do final do século XX e da primeira metade do século XXI, sendo marcada por uma multiplicidade de tendências. Reúne um conjunto de características de diversas escolas literárias anteriores, revelando assim, uma mistu-

ra de tendências que transformaram a poesia, a prosa, contos, crônicas, romances, novelas e outros (CANDIDO, 2007).

No que diz respeito às especificidades da narrativa, em específico o microconto, segundo Gotlib (2006), à primeira vista pode ser compreendido como sinal dos novísimos tempos: ele dialoga com novas formas de representação – imediatas, objetivas, fragmentárias – que favorecem a economia de tempo dos leitores, habituados à leitura diagonal, em lugar da orientação linear.

Nesse contexto, e com a análise destas características, tem-se aqui as contribuições para melhor compreensão do que alicerça a essência dos valores existente entre as pessoas, especialmente entre irmãos, pois, segundo Sarti (2009), as relações afetivas entre entes são fundamentais no delineamento do cotidiano de toda uma família. O relacionamento entre irmãos tem relevância particular, já que a proximidade entre eles, sustentado pela figura dos pais, favorece a formação de vínculos duradouros baseados no respeito, companheirismo e perdão, atributos que repercutem profundamente em suas outras interações.

É inerente esclarecer que o perdão, oposto do ódio – objeto de análise do microconto, é uma palavra que vem do latim *perdonare*, uma ação de perdoar, um verbo que significa solicitar ou outorgar a alguém a remissão de uma obrigação ou de um erro.

Nesse viés, o perdão é uma atitude moral na qual uma pessoa considera abdicar do direito ao ressentimento, julgamentos negativos, e comportamentos negativos para com a outra pessoa que a ofendeu injustamente, e, ao mesmo tempo, nutrir sentimentos imerecidos de compaixão, misericórdia e, possivelmente, amor para com o ofensor (SANTANA (2011).

Por fim, nota-se que a ação de perdoar é mais do que aceitar o que aconteceu, ou deixar de sentir raiva, ser neutro em relação ao outro, ou ainda, fazê-lo apenas por se sentir bem, quando se perdoa é sentir-se livre. Este trabalho, portanto, tem como objetivo compreender através da leitura e releitura do microconto 57 – dois irmãos e o enterro da velhinha, as minuciosidades e peculiaridades do texto, que possibilitam identificar e explorar o perdão tão necessário na vida de dois irmãos.

2. Dalton Trevisan: literatura por meio de uma linguagem concisa e popular

Escritor brasileiro nascido em 14 de junho de 1925 na cidade de Curitiba-PR, Dalton Jérson Trevisan estreou na literatura em 1945, quando ainda cursava Direito. Entre 1946 e 1948, tornou-se conhecido como editor da revista literária *Joaquim*, que reuniu ensaios de críticos, textos em prosa e poemas inéditos de autores brasileiros e traduções diversas. Ao mesmo tempo, continuou a burilar os seus contos, tendo praticamente se dedicado somente a esse gênero literário. Nesse sentido, e considerando as características de Trevisan, tem-se que:

O conto é um gênero textual marcado pela de narrativa curta, escrita em prosa e de menor complexidade, é uma obra de ficção, um texto ficcional. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. (GOTLIB, 2006, p. 32)

O escritor se erige ao patamar de maior contista da literatura brasileira do século XX, esse título tem o reconhecimento dos maiores críticos desse gênero do país. Capaz de delinear os comportamentos do cotidiano urbano usando linguagem prosaica altamente poética, o escritor paranaense fez do conto a ferramenta literária capaz de transmitir desejo, excitação e angústia (www.vicentonio.blogspot.com, 2009).

A marca literária Trevisaniana é produzir contos curtos, escritos em linguagem tão concisa que muitas vezes chega a ser elíptica. Seu estilo é direto e ágil e suas narrativas apresentam os dramas de pessoas que se movem entre as expectativas de felicidade e realização que aprenderam a alimentar a realidade crua e desumana, que as frustra e aniquila (WALDMAN, 2009).

Nesse contexto, é factível encontrar em suas produções, especialmente nos contos, uma linguagem literária que apresenta diferenças singulares, muito embora tenha uma estreita relação com o discurso comum. Dentre os traços peculiares de Trevisan encontra-se a **complexidade, a conotação, a liberdade na criação e a variabilidade**.

As relações humanas que apresenta comprovam que a realidade é degradada e cruel: as pessoas se maltratam e se ferem em vez de manterem no cotidiano vínculos de carinho e respeito. Assim, marido e mulher estão sempre em conflito, pais e mães oprimem os filhos, irmãos em constante conflitos, amigos se confrontam e disputam o poder.

Dessa maneira e diante das contribuições de Rosalino (2002), Trevisan faz uso de uma prosa experimental, que:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Recicla linguagens para uma redefinição de sentidos. Os atos se repetem, o fim é sempre o mesmo, seu verdadeiro objetivo. Paródia da massificação cultural, ele frisa mesmices, o universo em essência, banalidade e cotidiano. A luta do indivíduo para a realização de seus desejos, casar, possuir, realizar-se nas coisas simples. (ROSALINO, 2002)

A estrutura de sua obra, na relação do homem versus sociedade, estabelece dimensões existenciais que se justificam a medida em que o indivíduo enfrenta uma série de experiências que são responsáveis pela constituição de sua personalidade. Sua escrita é sintética e contundente (SARTI, 2009, p. 89).

Nas narrativas de Dalton Trevisan, segundo Comitti (1996), os contos são inconfundíveis, intransferível, irresistível, curtos, secos, as frases são breves e a linguagem é simples e sugestiva. Além dessas prerrogativas, são essencialmente envolventes, pois, falam diretamente com o leitor, apresentando temáticas da vida diária, fazendo com que cada sujeito se torne, mesmo que em silêncio, um escudeiro da complacência, pois cada um tem um pouco do que é trazido na narrativa.

Em seus contos, que são genuínos, existe naturalmente um convite ao leitor para dentro da história, oportunizando-o a fazer fortes inferências, pois, se sente fazendo parte das nuances de cada mensagem.

A compreensão dessa escrita é o objetivo principal deste artigo. Centra-se em um estudo literário, incentivado pela revisão de textos que discutem a literatura trevisaniana, uma vez que sua forma é de histórias curtas com linguagem abrupta descrevendo uma pobreza de mundo. O humor sutil, a linguagem despojada e a visão desencantada da natureza humana, especialmente sobre temas que justificam um vazio das vidas, mais especificamente sobre a ira, o ódio, o perdão e outros.

A pesquisa, aqui evidenciada, centra-se no conto e na análise das características pessoais de três personagens, dois irmãos e a velhinha. Os contextos da vida dos mesmos são apresentados na forma de representação literária, por um narrador na terceira pessoa, que conta a história na sua ótica, oferecendo ao leitor condições de construir suas próprias impressões, mesmo não fazendo parte da narrativa, a não ser pelo fato de ter uma relação mediada pela leitura e interpretação.

Nesse sentido, e fazendo um vínculo com o microconto que será analisado no próximo tópico, tem-se nas contribuições de Salomão o seguinte:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os textos literários não possuem compromisso com a transparência e, por esse motivo, muitas vezes demandam de nós um maior senso estético e maior capacidade de analisar e interpretar esse tipo de discurso. A Literatura encontra-se a serviço da arte e faz da criação literária um objeto linguístico e estético, ao qual podemos atribuir novos significados construídos a partir de nossas singularidades e perspectivas. O texto literário repercute em nós na medida em que revela emoções profundas, e sua compreensão dependerá de nossas vivências e do nosso repertório cultural. (SALOMÃO, 1998, p. 66)

Continuando, a maneira de Trevisan, segundo Sanches Neto (1996), está caracterizada neste trabalho que os personagens aparecem despostos de nomes, sendo identificados apenas como dois irmãos e a velhinha, em função de participarem de um enterro sem se comunicarem, pois, o ódio incondicional fazia parte de suas vidas, sem nenhuma perspectiva de perdão.

Na visão do narrador, aparece a existência de um ódio latente entre irmãos, fato que nos leva a entender que esse estranhamento como na maioria dos outros sentimentos, consegue contaminar a consciência, a qual é movida pela atenção promovida pelos interesses individuais, pois, na narrativa, é notório a abordagem de situações extremamente realistas nos dias atuais e Trevisan dessa forma, explora o desespero existencial, as obsessões e misérias morais, as tensões, o sadismo, o macabro, o grotesco.

3. *Microconto 57 – “Dois irmãos e o enterro da velhinha”*

No envolvimento dos leitores com as narrativas do conto, os mesmos se submetem às histórias, se identificam com os personagens, antecipam o que podem passar ou imaginam o que eles mesmos fariam, aprovam ou desaprovam a moral da história e se emocionam, tudo isso durante a leitura. Também, na visão de Marcuschi (2007), os textos literários proporcionam modelos de situações, papéis a desempenhar, esquemas de ação, de percepção, de avaliação e, neste sentido, permitem aos leitores encontrar padrões situacionais de comportamento, de soluções (reações, atitudes) para situações agradáveis, difíceis ou problemáticas.

Já para Bakhtin (1998), os leitores, às vezes, apoiando-se em pequenas histórias, encontram forças para não ficar imobilizados por uma crise emocional ou pelo fracasso. Na conceituação Bakhtiniana, encontra-se o poder de nomear as situações pelas quais estão passando, os lei-

tores podem referenciá-las, apaziguá-las, compartilhá-las e, assim, compreender que esses desejos ou temores, que acreditavam serem os únicos a conhecer, são também experimentados por outras pessoas, situações que ganham vozes.

Desta maneira, o autor reconhece um processo de simbolização que vai além de uma identificação ou projeção: “há contos que funcionam como feixes de luz na vida do leitor”. É essa constatação que se tornará mais clara após a leitura do microconto de Trevisan: “Dois irmãos e a velhinha”. Disponível em (www.escritacriativa.com.br, 2019).

– Os dois irmãos eram os piores inimigos. Bem me lembro no enterro da velhinha. Eles seguravam a alça do caixão – e não se olhavam. Pálidos, mas de fúria. Nem a cruz das almas moveu os dois. Se odiavam tanto que a finadinha bulia sem parar entre as flores.

Diante da análise do microconto 57 – os dois irmãos e a velhinha, que se configuram também como os personagens protagonistas, a narrativa se alicerça em um momento muito difícil para uma família, o enterro da velhinha, a mãe dos irmãos. Os mesmos mantêm um distanciamento travado pelo ódio e diante das peculiaridades da narrativa, sem perspectivas de reconciliação. Tem-se que o narrador é a única testemunha da condição no qual a velhinha foi levada para o enterro. Supõe-se ainda que além dos filhos que carregavam o caixão segurando suas alças, existia outras pessoas que presenciaram o fracassado relacionamento interpessoal vivido pelos irmãos.

O ódio existente entre dois irmãos é um dos aspectos bastante peculiar na obra de Dalton Trevisan, que é reiterado nesse microconto. Diante do comportamento representado na narrativa, consegue-se passar para o leitor diversas sensações de preocupação e de associações com a vida real de várias famílias da atualidade. Assim, o leitor promove vários questionamentos sobre a forma de convivência entre irmãos e tenta compreender como, mesmo diante do enterro da matriarca, não se aceitam, não se olham, não se emocionam e seus rostos permanecem pálidos de fúria.

Concluída essa primeira impressão, compreende-se que a temática mais relevante na narrativa é o ódio. No conto não é possível mensurar a causa da discórdia, porém é possível avaliar o quanto o distanciamento, a inimizade são sentimentos que afetam de forma significativa as relações interpessoais entre os membros da família em questão.

Segundo Manguel, o caracterizador do ódio,

Se manifesta na indiferença, no querer estar longe daqueles que nos fazem mal ou que não nos trazem prazer ou nenhuma satisfação pessoal. Surge quando escolhemos agir conforme o sentimento de querer estar distante de alguém, com ou sem motivo. (MANGUEL, 2001, p. 56)

Na perspectiva da narrativa e fazendo um aprofundamento da questão, fica evidente que os irmãos participaram do enterro por uma questão de formalidade social. Pois, se fosse pela vontade de ambos, não estariam lado a lado segurando as alças do caixão de sua genitora. Isso pode ser evidenciado no trecho: “eles não se olhavam e que suas faces estavam pálidas de fúria”.

Dessa forma, e conforme Boff (2005), “é fato inegável: há muito ódio, raiva, rancor, repulsa entre membros das famílias. O ódio sempre existiu de alguma forma”. Observa-se em especial que esse fatídico fato social que ocorre no relacionamento entre os irmãos trazido no conto, não é diferente entre irmãos da vida atual, na maioria das vezes, estão subsidiados por sentimentos de inferioridade, construídos ainda na infância, quando um ou outro foi o preterido dos pais e por outras situações, entre elas: disputas por heranças, desonestidade e até mesmo por disputas amorosas. Mas, uma coisa é unânime, esse problema afeta diretamente a estabilidade familiar e coloca na berlinda os pais, principais sujeitos apaziguadores dos conflitos na família.

Assim, e diante das afirmações de Rocha (2001), o bojo do microconto de Trevisan é uma representação culturalmente construída pela realidade e não é uma mera ficção. Apesar da narrativa ser na terceira pessoa e não dar nomes aos personagens, essa situação é vivenciada no interior de muitos lares.

Essa constatação, é corroborada por Bom Sucesso (1999), que diz: enfrentar os sentimentos de aversão, raiva, rancor profundo, antipatia, que se configuram em ódio entre irmãos é o caminho para sentir-se livre, pois, gestos de amor é a única saída para vencer o ódio.

4. O sentir-se livre causado pelo perdão

Considerando as contribuições de Lopes (2010), é notório que na medida em que o sujeito vai ficando mais crescido e compreendendo a “vida real”, o pedir desculpas não parece mais algo tão simples e, então, depara-se com a necessidade de trabalhar com a sistemática do perdão – “perdoar ou não perdoar, essa é a questão” – e das problemáticas que o envolve a vida de cada um.

Para Del Prette (2003), “perdoar é um ato, mental ou emocional (espiritual eu ainda diria), de acabar com o ressentimento, raiva ou mágoa quanto a uma outra pessoa”. Dessa forma, acredita-se que o ato de perdoar pressupõe que alguém nos tenha feito algo que tenha nos magoado profundamente, como uma traição, um erro ou fracasso (muitas vezes, de nós mesmos) e que estar-se-á direcionando uma culpa, uma punição.

Porém, na teoria, perdoar parece muito mais fácil do que é de fato. Segundo Aranha:

O ser humano, devido ao seu ego, comumente desenvolve um orgulho exacerbado frente a sua vida e às situações pelas quais passa, portanto, perdoar exige um esforço muito, muito grande. Tentar perdoar, em um primeiro momento, é muito doloroso e envolve a pessoa em um misto de sentimentos que só trazem prejuízos para a saúde mental e emocional. (ARANHA, 2005, p. 92)

Nesse sentido, perdoar é se igualar ao outro, é amá-lo incondicionalmente, e isso para o ego é quase impossível, quando cego pelo orgulho irracional, como é narrado no momento do enterro da velhinha.

Nesta perspectiva, e com base na narrativa, Trevisan pressupõe a expectativa sociocultural de que, no enterro da velinha que se bulia entre as flores no caixão, diante da rivalidade dos filhos, que as faces estavam desmaiadas e que não expressavam a dor da perda de um ente familiar, mais sim, a continuidade de um ódio implacável que não se rendia diante da fatídica situação.

Por isso, encontra-se o ódio que tanto marca a relação interpessoal entre os dois irmãos, e automaticamente a ausência de substratos sociais que alicerce o perdão. Essa afirmação, pode ser claramente visualizada no trecho do microconto: “nem a cruz das almas comoveu os dois”.

Esclarece-se que o perdão aqui defendido como condição para que os irmãos possam se sentir-se livre é, segundo Luskín,

Difícil para muitas pessoas, pois se trata de um **processamental** que busca a eliminação de qualquer espécie de ressentimento, de raiva, de rancor, de ódio ou de qualquer outro sentimento de cunho negativo direcionado a alguém ou até mesmo a si próprio. (LUSKIN, 2007, p. 113)

Nesse sentido, o perdão limpa tudo o que aconteceu e permite que se faça as coisas de forma diferente, que se tente de novo só que de outra forma. Perdoar é uma forma de recomeçar do zero, em uma folha em branco, sempre melhorando aquilo que se fez antes e que não faz mais

parte de quem a gente é. É muito difícil, é claro, recomeçar – não dá para esperar que isso vá acontecer da noite para o dia, que simplesmente aprenda a perdoar do nada, mas, se pode sempre tentar de novo, sempre esforçar-se em direção ao perdão e ao recomeço.

Após a caracterização do perdão, faz-se necessário esclarecer que ao se trabalhar com a narrativa curta, o autor permite a pluralidade de assuntos, dando condições para a construção de uma crítica social mais contextualizada, possibilitando desta forma, a construção de uma competência para a leitura independente e com possibilidades de vínculos.

Tendo como base a narrativa em questão, vale mencionar a esclarecedora observação de Lope (2010), que diz: “o maior interessado no perdão não é o perdoado, mas sim o perdoador. Porque através do perdão é possível ter a vida de volta, ter o controle e sentir-se livre”.

Acredita-se que os irmãos que vivem marcados pelo ódio, terão que realizar todos esses exercícios, diga-se de passagem, que não são fáceis, porém, necessários, principalmente se pretenderam sentir-se livres causados pelo perdão.

Nessa perspectiva e diante das entrelinhas trazidas no microconto, observa-se ainda que Trevisan pressupõe a expectativa sociocultural de que situações que envolvem intensos sentimentos, como a de um enterro, são as que mais produzem lembranças fidedignas entre as pessoas.

Dessa forma, tem-se que os irmãos ao conduzirem a velhinha para o enterro construíram uma longa retrospectiva desde a infância até o período da eclosão do conflito. Algo, que não foi suficiente para refletirem sobre o que estavam fazendo com suas vidas. Logo, observa-se a ausência de comunicação, e piorando esse relacionamento, a ausência de olhares ou qualquer tipo de afetividade que pudesse justificar uma reaproximação natural entre eles.

Essa condição desconfortável e prejudicial na convivência humana, fortalece aqui a ideia de que somente através do perdão, os irmãos passariam a viver de forma harmoniosa sem que necessariamente ficassem remoendo assuntos de um fato triste e impróprio do passado. Pois, segundo Lopes (2010) “guardar ressentimento é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra”.

Nesse sentido, Casarjian, corrobora dizendo que:

O perdão não é sobre decidir se a outra pessoa merece ou não o nosso julgamento. O perdão significa a nossa própria liberdade! O fato de não

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

perdoar faz com que criemos uma prisão a nossa volta e somente quem sai prejudicado somos nós, ninguém mais. Afinal, não é à toa que em Aramaico, a palavra perdão significa literalmente “desvencilhar-se”. (CASARJIAN, 1992, p. 232)

Sobre a necessidade de o perdão fazer parte dos personagens em questão, é importante fazer uma reflexão subsidiada por Mandela (2010), que brilhantemente disse: “quando eu saí em direção ao portão que me levava à liberdade, sabia que, se não deixasse minha amargura e meu ódio para trás, ainda estaria na prisão”. Ele diz ainda que “a libertação depende de uma atitude de nossa parte e de mais ninguém”.

Quando não se perdoa, a exemplo dos dois irmãos, protagonistas do microconto de Trevisan, que mesmo estando em um momento que envolvia sentimentos e renúncias, a título, o enterro da mãe, tem-se prejuízos interpessoais de grandes proporções.

O não perdão faz nos sentir torturados. Segundo Snyder (2007), “o coração fica escravo de um sentimento que vai corroendo”. Todas as vezes que se lembrar da situação ou se deparar com a pessoa que supostamente nos ofendeu, o sentimento aflora cada vez mais forte.

Lopes corrobora nesse viés e esclarece que:

O perdão deve vir do coração e da alma, deve ser sincero, deve ser generoso. E, assim, ele nos livra do fel que derramamos em nosso próprio ser, livra-nos das amarras que nós mesmos criamos, que nos prendia a algo, a alguém, a uma situação que roubou a nossa paz interior. Perdoar pressupõe o amadurecimento de entender que nada fará apagar o que aconteceu, mas a libertação frente ao ocorrido depende de uma atitude de nossa parte e de mais ninguém. (LOPES, 2010, p. 45)

Por isso, e diante da realidade de ódio vivenciado pelos irmãos durante o enterro da velhinha, fica evidente que os mesmos só sentir-se-ão livres com o perdão, pois, perdoar, antes de tudo é se perdoar, é entender que não precisamos mais suportar algo que não precisa nos pertencer. Para Aranha (2005), são situações que devem ser encaradas como aprendizados, como direcionadoras das relações, como formas de nos autodescobrirmos e entender as nossas verdadeiras fragilidades. Pois, muitas vezes, aquilo que nos incomoda no outro é puro reflexo do que está em nós mesmos.

5. Considerações finais

Considerando a conclusão deste artigo que ao discutir as várias

faces do ódio entranhado no microconto – 57 “Dois irmãos e o enterro da velhinha”, o inconfundível escritor Dalton Trevisan traz a luz a questão de que não somente na relação interpessoal entre os personagens existia o ódio velado, mas, que esse fato sempre fez parte da convivência humana, especialmente entre membros familiares. Em algumas vezes são relações extremamente desrespeitosas, afetando até a vida dos demais membros da família.

Baseando nas contribuições de Comitti (1996), internaliza-se que Trevisan através de seus contos e microcontos deu uma nova caracterização para o gênero literário ao criar personagens marcantes, cujas as vidas são monótonas ou explosivas. Trevisan rompe com a tradição literária brasileira e ocidental e passou a utilizar uma estratégia de encolhimento que faz de cada fragmento narrativo uma espécie de metonímia que remete a história ali contada para uma história maior, da qual ela é nada mais do que uma cena ou capítulo (um episódio, ainda que completo em si mesmo tal como uma notícia), um fragmento que ilumina o todo sem que este precise ser enunciado, ou seja, recursos literários expressivos trazidos pela linguagem direta.

No microconto trabalhado neste artigo, verificou-se que a experiência de vida dos personagens não foi apresentada, o que se tem de concreto é que existia um ódio velado entre dois irmãos e que no enterro da velhinha não existiu diálogo. O pensamento, as reflexões e as análises sobre esse complexo relacionamento interpessoal marcado pelo ódio e pela ausência de qualquer manifestação de perdão entre os irmãos ficaram para o leitor.

Outra constatação que se pode extrair da narrativa é imaginar que entre irmãos ou qualquer membro familiar não exista a discórdia alicerçada pelo ódio. Infelizmente, esse tipo de comportamento social é muito comum entre as famílias. Trevisan, segundo Bernardini (1983), trouxe à tona uma temática peculiar, extrema, porém comum pelos vários interesses, que nem sempre são de comunhão que existe entre irmãos.

Tem-se a certeza, mediante aprofundamento da leitura que esses assuntos que são peculiares por natureza, precisam ser discutidos mais profundamente no âmbito social e familiar. O que se pode aprender do texto é que o ser humano, independentemente de cor, credo, gênero ou religião está suscetível ao ódio, seja por um motivo grave, ou até mesmo sem motivos. A caracterização do ódio extraído da narrativa é de questão social, de cunho interpessoal, causado, acredita-se por desentendimentos,

aversão, cobiça, inveja ou brigas e que o sentir-se livre entre os irmãos só existirá quando esses sentimentos que são abruptos, forem superados pelo perdão.

Finalizando, e sustentado pelas reflexões ambientalizadas a partir da leitura da narrativa, tem-se que o mundo da literatura traz tonalidades construídas das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, pois, através das obras o artista transmite seus sentimentos e ideias do mundo, levando o leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posição perante a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, L. S. *O perdão interpessoal na perspectiva de psicólogos clínicos de formação psicanalítica e de formação comportamental*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2005.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1975). Trad. de Bernadini *et al.* 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998. 439p.

BERNARDI, R. M. *Dalton Trevisan, a trajetória de um escritor que se revê*. 1983. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

BOFF, Leonardo. *Virtudes por um outro mundo possível*. São Paulo: Vozes, 2005.

BOM SUCESSO, Edina de Paula. *Afeto e limite: uma vida melhor para pais e filhos*. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

CANDIDO, A. *Iniciação à literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

CASARJIAN, R. *O livro do perdão: o caminho para o coração tranquilo*. São Paulo: Rocco, 1992.

COMITTI, L. Anjo mutante: o espaço urbano na obra de Dalton Trevisan. In: *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, n. 1, 1996.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

DEL PRETTE, Z. A. P. *Habilidades sociais: desafios para uma nova sociedade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

ENRIGHT, R. *O poder do perdão*. Cruz Quebrada: Estrela Polar, 2008.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.

LOPES, R. F. F. *Perdão: uma visão da psicologia evolucionista e da abordagem comportamental*. Santo André-SP: ESETec Editores Associados, 2010.

LUSKIN, F. *O poder do perdão*. São Paulo: Francis, 2007.

MANDELA, Nelson. *Conversas que tive comigo/Nelson Mandela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ROCHA, M. M. *A importância do autoconhecimento dos pais na análise e modificação de suas interações com os filhos*. Santo André-SP: ESETEc Editores Associados, 2001.

SALOMÃO, Maria Margarida M. O Papel da Gramática na Construção do Sentido. In: VALENTE, André C. (Org.). *Língua, Linguística e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANCHES NETO, Miguel. *Biblioteca Trevisan*. Curitiba: UFPR, 1996.

SANTANA, R. G. *Estudo das relações entre a atitude de perdoar ofensas interpessoais e os esquemas iniciais desadaptativos*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2011.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SNYDER, C. R. *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

WALDMAN, Berta. *Faca no coração: uma leitura da obra de Dalton Trevisan*. In: *Suplemento Literário*, Minas Gerais. V. 1321, p. 5-7, 2009.